

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa

Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS

Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>

CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110

ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva

João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159

A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA

Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

CAPÍTULO 14.....	168
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214	
CAPÍTULO 15.....	181
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215	
CAPÍTULO 16.....	192
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216	
CAPÍTULO 17.....	211
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217	
CAPÍTULO 18.....	223
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	236
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 28/10/2021

Marcelo Manoel de Sousa

Universidade Feevale
Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0003-3008-2871>

Saraí Patrícia Schmidt

Universidade Feevale
Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0001-8795-3100>

RESUMO: O artigo coloca em pauta o discurso da descentralização da identidade a partir das discussões e problematizações desenvolvidas pelo sociólogo jamaicano e teórico da cultura Stuart Hall. O estudo tem como corpus de análise uma entrevista concedida pela vencedora do prêmio Educador Nota 10 – 2019, oferecido pela Fundação Victor Civita em parceria com a Fundação Roberto Marinho. Tal análise teve como objetivo verificar o ethos de sujeito apresentado no dizer dessa educadora premiada. Concluiu-se que a discussão sobre a descentralização da identidade está se desenvolvendo em diversas arenas e tem um adversário produzido de longa data – o indivíduo iluminista cartesiano.

PALAVRAS-CHAVE: Indivíduo cartesiano. Identidade cultural. Descentramento.

ETHOS OF CULTURED IDENTITY IN STUART HALL

ABSTRACT: The article discusses the discourse of the decentralization of identity based on the discussions and problematizations developed by the Jamaican sociologist and cultural theorist Stuart Hall. The study has as its corpus of analysis an interview given by the winner of the Educador Nota 10 – 2019 award, offered by Fundação Victor Civita in partnership with Fundação Roberto Marinho. This analysis aimed to verify the subject's ethos presented in the words of this award-winning educator. It was concluded that the discussion about the decentralization of identity is taking place in several arenas and has a long-produced adversary – the Cartesian Enlightenment individual.

KEYWORDS: Cartesian individual. Cultural identity. Decentering.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tratou da problemática do conceito de identidade a partir das discussões e problematizações desenvolvidas pelo sociólogo jamaicano e teórico da cultura Stuart Hall. A abordagem desse tema deve-se à grande circulação de discursos referentes à crise da identidade. Nesse sentido, buscamos uma maior aproximação da compreensão dessa crise, além das questões envolvidas na centralidade desse discurso. Ou seja, a proposta do artigo é retomar as contribuições de Stuart Hall sobre a atual cenografia da crise da identidade.

O artigo está organizado na seguinte ordem: primeiro item apresenta a introdução que enuncia seus principais elementos de interesse geral. Em seguida, o desenvolvimento que está dividido em cinco partes. No primeiro item, descrevem-se e analisam-se as raízes do pensamento moderno. No segundo subitem, apresenta-se e examina-se a constituição do sujeito cartesiano; no terceiro subitem, aponta-se e analisa-se o sujeito moldado no pensamento iluminista e os processos de seu descentramento; no quarto item, são descritos os procedimentos metodológicos de análise do corpus empírico. No quinto item, efetua-se uma discussão e análise do corpus de uma entrevista feita com uma professora da Educação Básica, do município de Novo Hamburgo, RS, vencedora, em 2019, do prêmio Educador Nota 10, pela Fundação Victor Civita, em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

2 | CENÁRIO DISCURSIVO SOBRE O ETHOS DA IDENTIDADE

De acordo com Woodward (2014), para se compreender os motivos que fazem o conceito de identidade tema central das preocupações atuais, é preciso examinar os diversos níveis das questões que a envolvem. É com este olhar que buscamos nos inserir na tessitura das ideias e posicionamentos inscritos neste texto. Hoje em dia, já se pode pelo menos colocar entre parênteses a questão do nascimento e da morte do sujeito moderno e respectivamente sua identidade. Hall (2019) apresenta, de modo panorâmico, os principais percursos que fizeram os vários fatores envolvidos nesse designio. Para este autor, diversos teóricos contemporâneos apresentaram versões que demonstraram os estágios em que um sujeito de identidade fixa, imóvel, estabilizada, aos poucos, ia-se descentrando. E, por este motivo, adquirindo uma forma mais flexível, aberta, correspondendo a certa concepção mutante de ser humano, no bojo da pós-modernidade.

Segundo Hall (2019, p. 17), havia “[...] uma figura discursiva, cuja forma unificada e identidade racional eram pressupostas tanto pelos discursos do pensamento moderno quanto pelos processos que moldaram a modernidade, sendo-lhes essenciais”. A partir desse ethos rígido de sujeito foi que, paulatinamente, novas reflexões foram surgindo em redor dessa identidade inoperante. Elas, diante das demandas surgidas, pouco a pouco, iam despontando no seio da sociedade por meio de outros discursos, em relação à formação de um novo sujeito.

É importante ressaltar, considerando os conselhos de Hall (2019), que perscrutar os segredos percorridos pela mudança de sujeito, que, ao se mapear, por meio do vetor identidade fixa versus identidade deslocada, é uma forma simples de historiar o sujeito moderno. Em consonância com ele, nem mesmo os autores que pesquisam sobre os processos de descentramento não o fariam desse modo. Contudo uma observação se faz pertinente, a essa forma de marcar o itinerário, ela permitiria, assim, fazer emergir e analisar alguns pontos, os quais estrategicamente sobressaltaram na plataforma da modernidade.

A possibilidade dessas mudanças sublinha sobremaneira que a concepção de sujeito tem uma história. E é isso que nos possibilita discursivizar e produzir novas maneiras de ser e estar no mundo.

Para Hall (2014; 2016; 2019), o sujeito moderno nasceu em um momento específico, por ser assim emergido, também histórico, é possível decretar sua morte. Esse indivíduo, com as características sumariamente aventadas, produziu um efeito na modernidade, nomeado como individualismo. Porém, por se tornar lugar-comum referir-se dessa maneira, não quer dizer que os pré-modernos não tinham sua individualidade. Hall ressalta que tal noção era vivida, mas de modo diferente.

Nesse sentido, podemos pensar que os indivíduos, na Idade Média, não separavam a vida prática da abstrata, mas tão-somente experienciavam a totalidade existencial da experiência humana. Esta separação, ou melhor, o processo de abstração, que pôs em evidência as dualidades conhecidas hoje, pertence a um tipo específico de perceber o mundo. Não obstante, um espaço/tempo dominado pelo credo religioso e dividido passou a ceder espaço ao que Hall nomeia de indivíduo soberano. Aqui começa a aventura de se inventar um novo sujeito, aquele arrancado dos grilhões do mundo prático, representado pela ordem divina das coisas. Ao desbravar as cenografias, que se vão tecendo a respeito dessa inovação, podemos observar que esse sujeito foi gestado no interior do Humanismo Renascentista no século XVI e também a partir do pensamento Iluminista do século XVIII. Tal contexto era condenado com todas as forças pelo discurso, promovido pelo movimento de descentramento da identidade do indivíduo soberano, como já apontado. Entretanto o que ocorre a partir daqui?

2.1 Delimitando a cena do sujeito cartesiano

Fundamentado em Hall (2014; 2019), podemos dizer que o Iluminismo pode ter sido o motor que fez com que na modernidade se acelerasse o processo de descolamento de uma consciência individual. Esse desligamento é pensado em relação à tirania das determinações naturalizadas em que as pessoas viviam na Idade Média. Não estou ainda tratando do descentramento o qual se conhece hoje, mas busco mostrar a volatilidade aventureira do pensamento inventivo na produção da identidade fixa. É possível nesse interstício cenografar as ações de alguns movimentos, no fortalecimento interessado, na separação do indivíduo das garras da Igreja, se se preferir do fantasma do sagrado.

Hall (2019) demarca as contribuições de Williams, companheiro de longa jornada intelectual, o qual aponta dois fatores, que identificam com precisão o olhar iluminista do indivíduo. O primeiro deles é que o sujeito não passa de uma unidade indivisível que se encontra unificada em seu próprio interior. Segundo, ele não é apenas identidade unificada, mas também distinta, não coincidente, singular e única. Esse duplo aspecto passou a ser defendido "a ferro e fogo" pelos filósofos iluministas e entusiastas.

Nessa perspectiva podemos destacar alguns elementos-chave nessa visada: A

Reforma Protestante; o Humanismo Renascentista; as revoluções científicas e o Iluminismo. Todos esses movimentos, ou correntes de pensamento, assentaram interesses irrestritos em proteger e resguardar o sujeito petrificado em sua racionalidade, de identidade estática, imutável. Entre outros pensadores, destaco duas figuras centrais do pensamento iluminista, os quais fortaleceram os posicionamentos, a propósito, eles perambulam entre nós, em pleno século XXI. O primeiro deles é René Descartes (1596-1650), filósofo e matemático francês e inventor da bastante conhecida frase: “penso, logo existo”. Talvez seja famosa porque deu força de fundamento a todo um estilo de episteme: Ontologia ou religião, ou qualquer outro termo que se valha.

Destaco aqui que Descartes havia sido influenciado profundamente pelo pensamento antropocentrista, inventado pelo projeto Renascentista. Com efeito, dispôs-se a enquadrar tudo na dúvida metódica, inferindo na dualidade matéria e mente. Assim, René Descartes inseriu a identidade no aparato da mente, com sua capacidade individualista, como também outros adjetivos já mencionados. Essa capacidade racional de um sujeito pensante, por outros modos, pode aferir como a gênese da filosofia da consciência. Para este pensador, as coisas deveriam ser explicadas, reduzidas ao mínimo possível para melhor serem compreendidas. Desse modo, postulou Deus como motor primal, em restante, tratou de interpretar/explicar o resto.

O filósofo John Locke (1632-1704) foi um segundo autor que fez notar o poder do sujeito todo-poderoso, um em si mesmo. Este pensador influente cunhou o termo mesmidade, como se fosse um intervalo de tempo passado para significar que a extensão da identidade acompanha o sujeito, assim permanecendo de modo igual. Tal opinião não é nada distante do que Descartes já tinha postulado, ou seja, ela apenas reforça, por outro prisma, a convicção do pensador francês.

Essa identidade soberana, ou como é popularmente conhecido, o sujeito cartesiano balizou todos os processos e práticas desenvolvidas no centro da modernidade; noção esta, que segundo Hall, imperava em dois sentidos – como origem do sujeito racional, do conhecimento e da prática; também como aquele que sofria as consequências de seus atos, ou era sujeitado a elas. Seguindo o raciocínio do sujeito-da-razão, ainda no século XVIII, era possível observar mesclas de suas ações nos mais diversos âmbitos da cena pública. Porém, conforme a sociedade foi ficando cada vez mais complexa, acompanharam-na as devidas alterações que a sustentavam. A Revolução Industrial aponta isso com precisão, essa experiência sugere uma marca de um pensamento coletivo e social.

Desse modo, a partir daqui já é exequível vislumbrar, silenciosamente, algumas margens de ampliação de mobilidade para o sujeito moderno. Hall (2019) aponta dois elementos básicos que contribuíram no alargamento da espacialização referida. O surgimento do pensamento de Darwin (1809-1882) biologizando a capacidade racional do ser humano. Desse modo, a razão tinha seu fundamento na natureza, e a mente estaria diretamente ligada ao desenvolvimento físico do cérebro. Embora fosse uma tentativa de

estudar as habilidades cognitivas humanas, ainda estava preso ao ensimesmado, assim como ao eu pensante cartesiano. Ademais, suturado a esse evento estava o aparecimento das Ciências Sociais.

No que se refere às emergentes Ciências Humanas e Sociais, à economia e à lei, por exemplo, continuaram pautadas no fundamento do indivíduo soberano cartesiano. A Psicologia e a Sociologia também mantiveram seus contrastes, ainda que de modo ainda incipiente. Hall apresenta que, nesta fase do desenvolvimento da dissipação da ideia de indivíduo de identidade fixa, enquanto a Psicologia ainda está atrelada ao estudo dos processos mentais do sujeito, a Sociologia irrompe e apresenta o indivíduo como ente que é influenciado pelo meio social, mas que também age sobre este meio. Desse modo, há um descolamento do indivíduo de si mesmo o que foi possibilitado pelos estudos sociais que foram se especializando a partir da primeira metade do século XX. Neste mesmo período, surge uma situação nada agradável movida pelos intelectuais dos movimentos estéticos. Estes prendem o indivíduo, isolando-o da sociedade, ou seja, o indivíduo tornou-se vivente em uma sociedade opaca, indiferente. Talvez, daí é que surja aquele sentimento de mais-um-na-multidão.

Nesse sentido, mantém-se na velha dualidade, o sentimento de conviver em uma sociedade em que a subjetividade estaria interligada à formação recebida pela sociedade, mas que também modificava esta coletividade. A situação ambivalente experimentada pelos indivíduos encontra-se minuciosamente estudada em Bauman (1999a). Caso em que a figura cartesiana persegue toda a nossa formação subjetiva e estrutural da sociedade. Isso tem sido, segundo Bauman, utilizado ao longo da História Humana de forma a manter um padrão exclusão/inclusão. O pensamento dos estéticos mencionado por Hall (2019, p. 21) contribuiu, excessivamente, para manter o indivíduo como presa fácil nesse processo. “Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal”. Isto é, um produto cartesiano. Além disso, pode estar aglutinado àquilo que Bauman (1999b) chamou de irresponsabilidade ética, ou seu fundamento. Em outras palavras, o que acontece com o outro é problema do outro.

No próximo item, passo, então, a mostrar as cenas englobantes que permitiram, por meios diversos, desalicerçar o sujeito com suas respectivas identidades. Visto que até agora a frustração é patente em relação ao deslizamento daquele sujeito profético, de perfil rígido, nos termos cartesianos. Espera-se, então, algo de diferente desse nó.

2.2 Articulações descentradoras do ethos cartesiano

Penso que o interesse cada vez mais arraigado nos estudos dos processos da identidade não tem outra origem senão esta apresentada anteriormente. Da mesma forma que eu mostrei o profundo interesse daqueles movimentos em relação ao desencaixe do indivíduo das teias do sagrado, isso só foi possível por meio de tentativas sem sucesso de

reconhecer a profunda complexidade da subjetividade humana.

Mas hoje, saberíamos responder com alguma propriedade à pergunta feita por Hall (2014): “quem precisa da identidade?”. Tal questão foi também mais ou menos colocada por Bauman (1999a), porém, em termos um pouco diferentes, ao tratar da liquidez da atual sociedade. Os efeitos de sujeito de identidade monolítica, rigidamente forjada nos moldes que estamos descrevendo, são, possivelmente, apresentados em relação a seus familiares por Said (2004), em seu texto “Fora de lugar”, mas com a intervenção de uma tia na história, frestando excentricidades. Isso pode estar igualmente refletido nas descrições do sorriso crispado da mãe-personagem de Laferrière (2011), mas que, ao mesmo tempo, descreve uma tia mais calorosa, mais expressiva, menos cartesiana; mas também no modo de comportamento rigoroso, fixo, racional dos pais de Hall. Assim ele mesmo diz: “[...] quando olho as fotos de minha infância ou início da juventude, vejo o retrato de uma pessoa deprimida” Hall (2003, p. 413), nesses termos, esse estudioso apresenta seus primeiros tempos na casa de seus pais, que, a exemplo dos dois casos mencionados, descreve sua irmã, com um sentimento nobre que só a compreensão da profunda subjetividade, a qual nos envolve, enquanto seres humanos, pode compreender.

Essas são singelas lições, mas ilustram bem a atuação do pensamento moderno, dual, não seria exagero, todavia, de modo algum, dizer que não desapareceu. O termo ambivalente bastante divulgado diz muito sobre isso: o preconceito e a postura discriminatória a qual presenciamos em nossa vida diária, denunciam a vigência dos efeitos do “penso, logo existo”. Assim, o outro, como diz o ditado popular, é o outro. Os resultados negativos são, portanto, evidentes.

Pois bem, nosso autor em tela apresentou cinco dos principais fatores que proporcionaram pensar um novo sujeito, com respectivas identidades. Como o próprio Hall assevera, não houve somente um processo de desagregação, fragmentação, mas um verdadeiro deslocamento de sentido. Bauman, em entrevista gravada, em 2011, no canal Fronteiras do Pensamento, trata da temática das identidades episódicas, entretanto, essas adquirem ou podem adquirir novos significados conforme as sociedades se transmutam. Cada indivíduo passou, portanto, a ter a responsabilidade de se inventar, pelo simples motivo de não haver mais um porto seguro, uma âncora, mas tão-somente um sujeito que pode ser convocado a qualquer momento a ocupar lugares diversos, mas nunca idênticos. Isso é o que Woodward (2014) apresenta como busca da identidade de um núcleo, tanto pelo viés essencialista quanto não essencialista.

Desse modo, o primeiro grande descentramento foi proporcionado pelo marxismo, que, segundo Hall (2019), fez com que o indivíduo fosse pensado como produto das relações sociais. Essa forma de pensar os indivíduos, por entender que estes já nascem no seio de uma sociedade que lhes é anterior, pela formação dos antepassados, não seriam, de modo algum, autores independentes de seus efeitos. É nesse sentido que o marxismo deslocou duas proposições de alto valor para o pensamento moderno: “que há

uma essência universal de homem; que essa essência é o atributo de ‘cada indivíduo singular’, o qual é seu sujeito real” (HALL, 2019, p. 23). Segundo este autor, os humanistas contestam essa posição por colocarem o papel da agência humana como principal fator de explicação histórica. Isso pode estar articulado com o pensamento renascentista.

O segundo e importante descentramento está alinhado às descobertas do inconsciente pelo psicanalista Sigmund Freud, no século XX. É bom enfatizar aqui, conforme o faz Hall, que o marxismo embora se origine no século XIX tem seu peso no pensamento do século passado, por isso se faz necessário acioná-lo aqui. Pois bem, o conceito de inconsciente provocou em parte o desmantelamento do sujeito de identidade cartesiana. Ao postular “[...] que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da Razão [...]”, e mais: “para Freud, a subjetividade é o produto de processos psíquicos inconscientes [...]” (HALL, 2019, p. 23). O conceito de Fase do Espelho, explorado por Lacan, também pode dizer muito sobre a impossibilidade do sujeito nascer com uma identidade cristalizada. Conforme os comentários de Hall (2014; 2019), só aos poucos a criança adquire uma fantasia de unificação de um eu, pela representação do outro.

O autor analisado aqui, deixa bastante claro seu posicionamento em relação à natureza processual e imaginária da formação da identidade. Por ser sempre incompleta, é mais próprio considerá-la como processo de identificação. Assim, o termo identidade passa a ser menos eficiente para compreender como se dá a invenção do ethos do sujeito. A terceira importante marca de descentração do ethos cartesiano, parte das ideias de Ferdinand Saussure que postulava que o indivíduo não é de modo algum autor de suas afirmações. De modo geral, por este estar inserido em um sistema linguístico, sua fala estaria condicionada não apenas em seus processos interiores, mas também aos significados, já produzidos pela língua (HALL, 2016; 2019).

Assim, o indivíduo cartesiano não teria autonomia fora da língua para produzir significados. A língua e os sistemas culturais são anteriores, atuamos, portanto, condicionados. “[...] Os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existentes fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua” (2019, p. 25). Podemos observar, com efeito, que o processo de identificação se dá por esses dois processos, ou seja, eu sou eu, por que não sou o outro. Desse modo, não há uma correspondência direta, imutável. Conforme o autor em análise, eu sei quem eu sou porque não posso ser o outro em relação a mim. Os procedimentos de similaridades e diferenças servem tanto na língua quanto para a identidade. É aí que se encontra a incompletude de final aberto, marcando também a diferença do pensamento de final fechado cartesiano.

Nosso quarto traço de modificação descentralizadora está assentado na obra

do filósofo e historiador Michel Foucault (HALL, 2016; 2019). A sua obra dá ênfase ao poder disciplinar cujo objetivo é criar corpos dóceis. Isso se dá por meio de práticas institucionalizadas, de regulação e vigilância, dos vários aspectos da vida do indivíduo, em todo o séc. XIX, o qual atingiu seu grau máximo no início do séc. XX. Foucault analisou a relação poder/saber como técnicas de individualizar ainda mais os corpos e a supressão da subjetividade dos indivíduos. As instituições coletivas da pós-modernidade têm o papel de manter o controle, ocasionando o isolamento daqueles sujeitos ao aparato de governamentalidade.

Essas colocações tornam-se ainda mais evidentes, na ideia de globalização, em que, em consonância com Bauman (1999b) os Estados-Nação passaram de um território autônomo para um instrumento de manutenção da ordem do poder da economia mundial. A questão é: quem é sujeitado? Todos são sujeitados? Indivíduo e Estados-nação, ou a regra não é generalizada? Tudo indica que as regras não são impostas, mas ocorrem pela adesão, que envolveria fidelidade, interesses mútuos. Contudo não se pode negar que nesse jogo de articulações pode existir a desigualdade de condições. Hall reconhece que há classes mais abastadas, Bauman, que há estados mais abastados. Tudo isso indica quem tem o poder de vigilância e quem é submetido à disciplina. Hall (2019), ao comentar Foucault, coloca a escola com o papel de um desses instrumentos de polícia. Essas realidades são construções discursivas, convenções sociais, por isso, alteráveis.

O quinto e último dos elementos de descentramento, apontado por Hall (2019), encontra-se na base das proposições teórico/prática do feminismo. Como se pode observar, o feminismo é um grande movimento que engloba uma cenografia crítica de contracultura. A grande cultura opressora racionalizante que dimensiona tudo e todas as formas de manifestações particulares. Aqui envolve plenamente a concepção negativa do pensamento articulado na máquina iluminista cartesiana. Os movimentos descritos podem ser um grito que busca e buscou desatar os nós da famigerada disciplina, do corpo/subjetividade dos indivíduos. Estamos ainda vivendo sob os auspícios desse novo olhar, localizado na década de sessenta, empenhado na tarefa de rasurar os mitos conceituais da modernidade. Todavia, como temos mostrado, sempre houve processos ambivalentes.

Em conformidade com Hall (2014), alguns chegaram a dizer que o feminismo nasceu no interior dos Estudos Culturais, mas esse pesquisador desmente tal dito, quando diz que bem antes desse período já haveria mulheres em luta contra os poderes colonizadores eurocentristas: do homem branco e machista. A própria História mostra que nenhum poder se desenvolveu livre sem seu contrário. Alguns elementos fundantes desses movimentos são tanto oposição à política neoliberal do ocidente, quanto ao stalinismo oriental; afirmação das dimensões subjetivas e objetivas da política; burocracias versus liberdade política; uma forte tendência de reforma do cenário cultural; a fragmentação da classe política e das grandes organizações políticas de massa e sua separação em vários e separados movimentos sociais.

Ocorreu nesse contexto a emergência do conceito de política de identidade. Cada uma dessas parcelas organizadas lutava ou luta pelo fortalecimento identitário de suas respectivas bases de sustentação. Desse modo, “o feminismo apelava às mulheres, à política sexual aos gays e às lésbicas, às lutas raciais dos negros, ao movimento antibelicista, aos pacifistas e assim por diante” (Hall, 2019, p. 27). Essas características gerais do movimento feminista interligam-se a diversas outras questões, bem mais próxima daqueles direcionamentos que venho descrevendo. Podemos observar, então, um confronto direto em relação à categoria de “eu pensante” iluminista e suas invenções dualistas. Assim, questionou a relação dentro/fora; privado/público; novas arenas: o trabalho doméstico, relações familiares; o cuidado com as crianças, entre outras temáticas.

Fazem parte igualmente do elenco de suas preocupações os processos da nossa formação por meios genéricos. Mãe/pai; homem/mulher; filhos/filhas, entre outros sistemas duais. Segundo Hall (2019), aquilo que se formou para contestar os interesses posicionais das mulheres, tornou-se um amplo movimento, que abrangeu as temáticas de gênero, sexualidade, e muitas outras que, além das que já foram citadas, poderíamos apontar. Considera-se os exemplos aqui elencados suficientes, mesmo que de forma sumária, para compreendermos a importância desse movimento na vida contemporânea: contracultura-hegemônica, anticolonialista, antidualismo-cartesiano. Contra esses binarismos, o feminismo advoga que a Humanidade foi dissipada por categorias de gênero: homem/mulher. Isso provocou uma profunda desigualdade social, política e econômica, por conta dessas separações pela divisão sexual.

Ao considerar essas colocações, Hall (2014) apresenta o questionamento antes colocado: “quem precisa da identidade?” e busca desenvolver essa provocação desconcertante pela análise do conceito de rasura (X); assim como, ao buscar a gênese e os processos, que permitiram a irrupção da necessidade de se pensar a irredutibilidade da identidade. Hall (2014) diz que a concepção desconstrutiva tem utilizado o conceito de rasura, para demonstrar que as grandes narrativas estão canceladas, por isso o uso do X. Não podem mais, se é que algum dia puderam, apontar direcionamentos razoáveis aos problemas contemporâneos da humanidade. No entanto, adverte o autor, não podemos jogar a criança e a bacia com água e tudo fora. Neste caso, por falta de um novo “idioma” terá que se fazer uso dos antigos conceitos, mas com novos sentidos – assim, ideologia, classe social, poder, entre outras grandes categorias.

O conceito de identidade cultural de Hall corrobora com esses movimentos de rasura e reconstrução teórico/prática das concepções pautadas no indivíduo soberano cartesiano. No interior dos Estudos Culturais, encontramos o seguinte: “[...] a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida” (HALL, 2003, p. 432-433). Esse conceito de identidade cultural, com suas especificidades, pode funcionar no interior dos atuais questionamentos sobre identidade como início de uma chave. Aquela porta fechada propugnada pelo conceito cartesiano não anui à visão abrangente permitida pelo que Hall se propõe. Neste

caso, o mais razoável seria vê-lo como diaspórico, que, consoante o autor em tela é a condição imposta pela pós-modernidade. Não há fixidez, imutabilidade, pois, os processos históricos e culturais são justamente o móvel que dinamiza as identidades conforme os posicionamentos em que os indivíduos se engajam e se aderem.

Com todas as ressalvas, a identidade cultural faz parte da essência do sujeito diaspórico. Essência aqui está colocada no sentido do conceito de rasura já salientado. Portanto, não há espaço, presentemente, para colocações ao nível de um sujeito autossuficiente, forjado na metafísica cartesiana. É preciso reconhecer a diversidade de posicionamentos postos pelos vários papéis em que os sujeitos são interpelados a se posicionar e defender suas ideias, pensamentos, muitas vezes, a própria vida. Da discriminação, do racismo, dos dualismos operantes no interior da sociedade, e várias vezes em nós mesmos, enquanto indivíduos sociais. Tudo isso implica a formação que adquirimos em condições adversas, como bem Hall (2003) ressalta, e por esse motivo temos que nos colocar considerando as especificidades de cada uma dessas posições nas arenas da vida.

Com efeito, seria mais adequado falar de identificação como processo. Desse modo, poderíamos operar a partir da concepção de que não há um simples esquema de adesão. É preciso, segundo Hall (2003), conhecer como se dão essas questões na prática. Ajudar-nos-ia a compreender melhor a naturalização que historicamente se impôs. Hall aponta que precisamos nos esquivar da velha concepção de identificação como interligada a conceitos de núcleo comum e semelhança. Todavia inverter essa condição para nos situar a partir de um processo nunca estanque, que nos coloca sempre em situação de incompletude. No sentido de que pode ser sempre sustentada, mas que também pode ser abandonada. Um exemplo bastante eloquente analisado por Woodward (2014) mostra bem os conflitos no quadro dos problemas das identidades. Ao analisar o texto do Jornalista Michael Ignatieff, evidencia a experiência de guerra vivida pela Iugoslávia, entre sérvios e croatas. Para esta autora, a identidade forma-se a partir da diferença daquilo que eu digo que sou porque não posso ser aquilo que ou outro é. Ou pode ser. O problema com isso é que a “diferença é sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2014, p. 9). É lógico que na perspectiva que estamos defendendo aqui essa questão tem sua relevância prática.

De modo geral, a autora busca compreender como se dá o processo de representação naquelas experiências. Para tanto, considera a identidade individual e a noção de identidade nacional. “A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais” (2014, p.10). Nessa situação, envolve não só todas as temáticas já descritas, mas também a questão da necessidade de um ponto de referência para servir de motivo contestatório, quando não é biológico é histórico, ou outros meios. Entretanto, como Hall (2003) infere, a identificação é um processo nunca completado. O caso de Woodward (2014) e as outras situações apresentadas aqui mostram que estamos no caminho e acreditamos que o conceito de identidade cultural tem muito mais a nos ensinar.

A partir dessas reflexões acreditamos fornecer subsídios à análise inscrita de identidade e sujeito pelo olhar de uma educadora, que conhece o chão da escola contemporânea e suas demandas. Caso que permitirá analisar um ethos escritural, (MAINGUENEAU, 2015), e a enunciação como veículo de sentidos e visada de incorporação discursiva.

3 | CENAS DE UMA ENTREVISTA: ETHOS DITO E MOSTRADO

Este corpus foi disponibilizado como entrevista efetuada pelo gênero digital, o e-mail. Tornou-se parte da esfera pública, devido à fiadora desse dizer ser uma figura pública. Não só por este motivo, mas, quando o entrevistador fez suas interpelações, ficou estabelecido que o material seria compartilhado. Dessa forma, o contrato de adesão de ambos no discurso deu-se por convencionado.

1) Que tipo de currículo é relevante para a Educação Básica? Por quê?

Penso que o currículo relevante é aquele que favoreça aos estudantes compreenderem a sua realidade e que forneça as habilidades necessárias para que possam participar da vida adulta em igualdade de condições. Um currículo focado no desenvolvimento de habilidades e competências, não em conteúdos.

2) Como você avalia o reconhecimento do trabalho docente na atualidade e no contexto da pandemia?

A maioria dos professores sente-se solta na “selva” sem recursos. Não sei se as pessoas estão reconhecendo ainda assim o trabalho docente, porque nós ainda estamos sendo culpados por todas as coisas que não dão certo no ensino remoto. Espero que os professores possam reconhecer seu valor e militar mais ativamente pela escola pública de qualidade para todos.

3) Quais são os limites e possibilidades de uma gestão democrática da escola na sociedade atual?

Não vejo limites, apenas possibilidades numa Gestão Democrática verdadeiramente implementada. As pessoas veem limites porque não existem ainda experiências bem documentadas e divulgadas com tempo suficiente. Tentar por um ou dois anos, experimentar Gestão Democrática, para desistir porque as pessoas “não participam” não vale como comprovação. Primeiramente, precisamos criar uma cultura de participação. A maior parte das famílias de escolas públicas, por exemplo, nem se acha capaz de participar, sente vergonha, inadequação. Famílias participativas seriam aquelas cujos pais tiveram a experiência da escola democrática em sua escolarização. Então, precisamos começar logo, mas ainda leva tempo.

4) Você julga importante a parceria da escola básica com a Universidade? Por quê?

Penso que sim. Mas vejo a postura da Universidade ainda achando que vai “salvar” a escola. Eu diria que uma parceria real e colaborativa traria muito mais benefícios para a universidade do que para a escola. Existe muita coisa sendo feita nas escolas que a Universidade não sabe, mas a escola sabe o que está sendo feito na Universidade, visto que os novos professores são formados lá e quando chegam precisam de reciclagem, porque não conseguem colocar o discurso acadêmico na prática real.

5) Qual a perspectiva e função da profissão docente no século XXI?

(TRANSCRIÇÃO de áudio) Eu diria que a perspectiva é de muito trabalho. Não é possível que professores e professoras... não compreendam que é preciso lutar pela escola pública, não vai mais ser tranquilo, existe uma onda, vindo das escolas particulares e das escolas técnicas de conteudismo e de excesso de testes, modelos. O professor da escola pública, que é da onde eu posso falar, pois é onde eu estou, ele vem sempre recebendo e cada vez mais cartilha modelos, métodos para seguir e aplicar, e a proposta não pode ser essa. O professor e a perspectiva O que acho que tem ser feito é lutar contra isso. É preciso encontrar maneiras de trabalho a partir da realidade das escolas, a partir das necessidades das escolas. A função ou profissão docente não pode ser uma profissão silenciosa, que só aplica métodos que outros pensaram e criaram. Não, a profissão docente é o professor, este precisa ser aquele que cria as propostas junto com seus alunos e junto com a sua comunidade. Precisa ser aquele que olha e ajuda essa comunidade e os alunos a olharem para si e se construírem de dentro para fora. Toda a perspectiva que eu vejo para a profissão docente no futuro é estar dentro, no chão da escola, e construir a partir dali.

Quadro 1 - Entrevista com a Educadora Nota 10 – 2019, premiada pela Fundação Victor Civita/
Fundação Roberto Marinho

Fonte: Autor.

Retornemos às três esferas genéricas propaladas por Maingueneau (2015), já tratamos, neste momento, de enquadrar o corpus na esfera pública. Frisamos que a opção pela escolha da voz da enunciante deu-se por ter sido contemplada com a premiação Educadora Nota 10¹. Dito isso, partiremos ao seu discurso pedagógico, no interesse de buscar seu ethos de identidade, com efeito de sujeito.

Ele é um discurso que se insere na esfera da atividade pedagógica, que, ao fazer parte de um dizer de um ethos educativo, apresenta-se como enunciação didática e de natureza do ensino. Em relação ao campo discursivo, insere-se no campo educativo; que tem como lugar de atividade a escola de Ensino Básico. Maingueneau (2015) assevera que a Cena de Enunciação pode ser dividida em três tipos de cena: a cena englobante; a cena genérica e a cenografia. O corpus em análise faz parte da cena político/pedagógica, produzida pela cena de entrevista. Ele tem como cenografia o estilo recursal às teorias pedagógicas reconhecidas como tecnicistas, cuja origem data de 1918, com as ideias de Bobbitt, emergidas fortemente a partir da década de 1960, entrecruzadas com propostas das pedagogias ligadas à concepção educativa da escola nova. Cujo início ocorreu na década de vinte do século passado, e é bastante enfatizada hoje em dia, contrapondo às perspectivas conteudistas.

¹ Prêmio criado pela Fundação Vitor Civita com a parceria de mídia da Abril, Globo e Fundação Roberto Marinho.

O discurso apresenta um ethos dinâmico, que procura a adesão do imaginário do destinatário pela produção de uma fiadora de dizer simples; recorre a discursos pedagógicos atualmente bastantes divulgados através do meio acadêmico, para confirmar a validade da enunciação – Maingueneau (2019) fala Cena Validada. Ele demonstra uma vocalidade de tom crítico em relação às propostas que não são válidas, considerando as demandas da sociedade contemporânea, apresenta-se com um caráter inovador e disposto a seguir em frente. Conforme as proposições de Maingueneau (2010; 2015), o ethos mostra-se pela corporalidade, vocalidade e caráter, na compleição de um modelo ou antimodelo, antifiaador. Assim, a incorporação faz-se, pois se vale de recursos estereotipados validados pelo discurso pedagógico no interior da comunidade educativa como fundamentos legítimos.

Por considerar que todo ato de fala remete a constituição de uma imagem de si próprio (AMOSSY, 2019), reputo que o ethos pedagógico da cenografia apresentada produz um modelo de sujeito e de identidade, de acordo com sua visão de mundo, ao buscar a adesão a este fiador. Ademais, convida a ir à luta por melhorias de condições de trabalho; defende uma democracia nas relações educativas, valores e atitudes bastante considerados nos enunciados veiculados no imaginário pedagógico de nosso tempo. Maingueneau (2010) corrobora com Amossy quando diz que os conteúdos encadeados no enunciado procuram a adesão através de um modo específico de dizer – “mas também de uma maneira de ser” (p. 80).

Em geral nas cinco questões com suas respectivas respostas, o enunciador deixa evidente um contradiscurso ao modelo de identidade todo-poderoso, arrogado pelo discurso cartesiano. Para que esse projeto tenha sua continuidade, é preciso incorporar um ethos capaz de refletir sobre sua realidade e continuar lutando contra as práticas que buscam limitar as conquistas a muito custo reconhecidas como legítimas.

Diante deste cenário, talvez devêssemos referirmo-nos a identidades sempre no plural; tal qual assevera Hall (2014; 2016; 2019) há a possibilidade de ocupar diversas disposições e, em termos de Maingueneau (2015) à Cena de Enunciação. Isso ocorre quando na cena discursiva da entrevista apresenta-se um fiador que nos convida a lutar por condições dignas de trabalho e reconhecimento pela comunidade. Outra coisa que não está aí é que um sujeito, ao exercer um lugar de fala, interpela-nos a ocuparmos os espaços, para exercermos os vários papéis em prol de uma sociedade democrática. Tudo isso implica uma identidade descentrada, nos termos de Hall, e, ao se pensar no campo de trabalho de nosso fiador, seria necessário um currículo capaz de projetar um novo ethos de sujeito, compatível com a sociedade demandada também pelas necessidades multiculturais. Uma sociedade que valoriza uma educação construtora de uma identidade cultural plural, diaspórica, híbrida, que enterra de vez o indivíduo iluminista cartesiano: excludente, binarista, praticada por um “indivíduo soberano”.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar as contribuições de Stuart Hall sobre possíveis saídas alternativas, que envolvem o problema da identidade enfrentado atualmente. Nesse contexto, foram apresentadas algumas possibilidades que assim como a identidade são parciais, mas que podem servir como marcas de compreensão da amplitude da teia em que se encadeiam as questões do sujeito contemporâneo. Depois de apresentar as origens da temática na concepção iluminista europeia, fixou a reflexão na ideia do indivíduo cartesiano.

A maioria dos autores examinados corrobora que convivem atuantes dois tipos de pensar o sujeito. O primeiro foi forjado no pensamento moderno de identidade fixa, estável, imutável – produzido pelo discurso do penso, logo existo. Um ser todo-poderoso impermeável, um bloco fechado em si mesmo – em sua própria consciência; condenável, segundo um modelo de pensamento ambivalente, híbrido, diaspórico, construído na teia de uma identidade cultural.

Não se pode assegurar, ainda, com precisão que o sujeito cartesiano deixou de existir, apesar da liquidez promulgada, existem as âncoras modernas convivendo com um pensamento conhecido como pós-estruturalista, pós-colonial, ou como alguns chamam, pós-modernidade. É fato que o feminismo, o qual começou defendendo em sua origem questões mais próprias das mulheres, hoje tem ampliado seus temas de interesse, ganhado repercussão e notoriedade considerável e um apoio incondicional. Entre outros temas enfrentados, apresenta o binarismo matéria/mente desencadeado por Descartes (HALL, 2019) – talvez o mal da modernidade transplantado para nós, por meio de discursos excludentes, de discriminação de toda sutura.

Os achados na pesquisa precisam continuar seu itinerário, assim como pretendeu Hall (2019) e seus seguidores, entre outros, Woodward (2014) que vem acompanhando os problemas, que envolvem a identidade e a diferença como problemática arenosa entre os indivíduos, agravados quando relacionados a uma suposta identidade cultural. Ao mesmo tempo em que o estudo contribui para melhor situar outros pesquisadores da identidade e seus efeitos na formação de um novo sujeito, seus limites encontram-se justamente por ainda se conviver com um tipo de identidade monolítica racional, de estrutura fixa, de origem iluminista. É preciso, pois, ir rasurando velhos conceitos para que novas identidades possam ter a plenitude da expressão.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (Org.). Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 9-28.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999b.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999a.

BAUMAN, Zygmunt. **Fronteiras do Pensamento**. Entrevista concedida ao Fronteiras do Pensamento. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>> Acesso em: 17 jun. 2020.

HALL, Stuart. A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall, de Kuan-Hsing Chen. In: SOVIK, Liv. (Org.). **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. — 12ª ed. — Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart. Onde está o “sujeito”? In: ITUASSU, Arthur. (Org.). **Cultura e representação**. — Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

LAFERRIÈRI, Dani. **País sem Chapéu**. — 1ª ed. — São Paulo: Editora 34, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. — 1ª ed. — São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos - ethos e apresentação de si nos sites de relacionamento. In: SOUZA-E-SILVA, Maria C. Perez de; POSSENTI, Sírio. (Org.s.). **Doze Conceitos em análise do discurso**. — 1ª ed. — São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 79-98.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 69-92.

SAID, Edward. **Fora do Lugar: memórias**. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022